AS AVENTURAS DA TEORIA LITERÁRIA NO BRASIL DA REDEMOCRATIZAÇÃO POLÍTICA

THE ADVENTURES OF LITERARY THEORY IN BRAZIL DURING POLITICAL REDEMOCRATIZATION

Susana Scramim[1]

RESUMO: Construir a memória da disciplina Teoria Literária e seus dispositivos de legitimação na universidade brasileira no período de redemocratização política entre os anos de 1986 e 2000 é o objetivo maior deste artigo. As discussões em torno do que vem a ser considerado próprio do campo literário, o problema da reflexão e aplicação do conceito de dialética, a experiência com a democracia e com os intercâmbios latino-americanos serão considerados na análise das questões identificadas como cruciais para a institucionalização da disciplina nas universidades brasileiras.
Palavras-chave: Teoria Literária; literatura nacional; ensino; institucionalização; democracia.
ABSTRACT: Building the memory of the discipline Literary Theory and its devices of legitimation in the Brazilian university in the period of political redemocratization between the years of 1986 and 2000 is the main objective of this article. The discussions around what comes to be considered proper to the literary field, the problem of reflection and application of the concept of dialectic, the experience with democracy and with Latin American exchanges will be considered in the analysis of the issues identified as crucial for the institutionalization of the discipline in Brazilian universities.
Key-words: Literary Theory; national literature; teaching; institutionalization; democracy.

1. INTRODUÇÃO

Muito da culpa pelo declínio da leitura da literatura, especialmente nos cursos de Letras das décadas de 1960, 1970 e 1980, foi atribuído à crescente presença da Teoria

[1] UFSC, CNPq.

Literária como disciplina institucionalizada nesses mesmos cursos. Tal fenômeno pode ser observado em vários países como se constata nas bibliografias de Kaufmann-(2011), Gerbaudo (2015) e Hidalgo (2020).

No Brasil, há esforços no sentido de compreender esse movimento da deriva da leitura da literatura nacional em direção a debates em torno de diferentes concepções do que viria a ser a própria literatura. Essa deriva foi, de fato, promovida pelos estudos teóricos da literatura. Sendo assim, urge documentar e fazer aparecer os contornos políticos e as consequências desse processo. Criar um arquivo da disciplina Teoria Literária se justifica no contexto brasileiro, tendo em vista a necessidade de ampliar a capacidade de pesquisa histórica no país, que deve ser pensada como maneira de elaborar dinâmicas de superação.

As emergências sociais e acadêmicas frente a uma revolução tecnológica em curso no planeta tornam inexorável o pensar a história da disciplina Teoria Literária. A eficácia da pesquisa nas Ciências Humanas está sendo questionada em nossa sociedade, que insiste em creditar à aplicabilidade imediata de uma teoria o fator determinante para a mediação do cotidiano humano com a ciência. A exigência das instituições de fomento, ao estabelecerem metas de produção científica envolvendo produtos aplicados, coloca as Ciências Humanas em desvantagem frente às demais áreas, em razão de sua não adequação à lógica da reprodução. Ao longo da última década, com uma motivação que vai desde a crise econômica até o retrocesso na aceitação das reconfigurações da área no Ocidente, as Ciências Humanas têm recebido um tratamento que conduz a área a uma completa descaracterização, se comparada aos seus primeiros movimentos promissores – em 1950 e 1970 – em relacionar pensamento individual ao coletivo social.

No âmbito da disciplina Teoria Literária, na polêmica protagonizada por Antoine Compagnon na década de 1980, discutiram-se os limites do interno e do externo ao texto, dos limites da Teoria como técnica e como invenção-revisão, da Teoria como ficção e/ou como filosofia da Literatura, da Teoria como história e como prospecção. Discutiu-

se a autonomia literária e artística. A permeabilidade da sociologia literária às situações constatáveis no mundo exterior foi igualmente afrontada em nome de uma teoria do texto como prática discursiva subjetiva (Compagnon, 1998, p. 23-25). A complexidade dos resultados desses questionamentos gerou outra indagação igualmente complexa e necessária de ser desenvolvida, ou seja, a da busca pelo lugar de uma disciplina, e mais, pela indagação constante do que vem a ser a Teoria Literária.

Em razão desse contínuo movimento, Vincent Kaufmann, em *La faute à Mallarmé. L'aventure de la Théorie Littéraire* (2011), montou um quadro dos deslocamentos da área ao longo das últimas cinco décadas na França. Além de produzir um ensaio complexo, organizou uma série de entrevistas com professores de Teoria Literária produtores de diferentes abordagens científicas. No livro se pode perceber a sua abertura a algumas das linhas da Teoria Literária perpetradas por alguns dos professores que assinam as entrevistas, entre os quais Jonathan Culler, Gérard Genette, Werner Hamacher, Julia Kristeva, Tzvetan Todorov. Kaufmann discute a possibilidade de se montar um quadro histórico do ensino da Teoria na Europa através da voz dos colegas teóricos; além da reconstrução de polêmicas, ele aposta na configuração da área de Teoria como um campo variado e complexo.

No âmbito americano, a revista *New Literary History*, no seu segundo número de 1983, apresentou uma enquete com professores de Teoria Literária de algumas universidades norte-americanas. As questões propostas aos professores, sendo que alguns deles se tornariam uma década depois teóricos de grande importância nos estudos literários, foram elaboradas pelo grupo de editores que contava com a colaboração de Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Frederic Jameson, Hélène Cioux, Jonathan Culler entre outros. As questões eram relativas à relação entre Teoria e formação dos profissionais da crítica literária nas universidades, destacando-se a relação entre teoria, crítica literária e ensino. Entre os entrevistados estavam Terry Eagleton e Hans Ulrich Gumbrecth, além dos próprios editores, Iser e Jauss.

A Teoria Literária no Brasil da década de 1980, portanto, contemporânea ao debate francês e norte-americano, e contextualizada no período de redemocratização política, não ficou imune a essa discussão. Contudo, há ainda a necessidade da construção de discursos sobre essa disciplina no país em perspectiva histórica. Os debates – sempre desejáveis – marcados em nossa área por oposições entre estruturalismo, marxismo, estética da recepção e sociologia do texto literário que envolvem muitas questões relacionadas ao "nacional", desdobradas nos diálogos nem sempre sem disputas entre o pós-estruturalismo e estudos culturais, ofereceram à área uma história com um quadro bem complexo de se narrar.

No período delimitado que circunscreve esta análise, os teóricos brasileiros envolvidos nesse marco temporal propuseram diferentes leituras e práticas de ensino para a Teoria Literária no Brasil.

Em 1975, Roberto Acízelo publica o livro *Teoria da Literatura* cujo objetivo principal é não restringir o debate à definição dos elementos estruturantes do texto criativo. Nesse livro, ele se propõe a ampliar a reflexão crítica de questões filosóficas que disputam o conceito de "Teoria". Nessa disputa, encontram-se as demandas de uma Teoria que não se quer autônoma em relação ao mundo do conhecimento e, ao mesmo tempo, deseja manter sua especificidade. A reflexão de Acízelo sobre as singularidades da Teoria tem ligações com sua pesquisa de doutorado, feita sob orientação de Eduardo Portella, na UFRJ, mas que não deixou de seguir presente em toda sua produção bibliográfica acadêmica durante o período estudado por esta pesquisa.

Por sua vez, José Luís Jobim privilegia o estudo das ações de uma perspectiva teórica da literatura no ensino, tanto nos cursos de Letras, como na escola básica. Sua tese de doutorado, finalizada em 1986, também orientada por Eduardo Portella, tem o objetivo de compreender o modo pelo qual o uso do livro didático define a ideia de literatura nos anos finais do ensino básico. A organização de ensaios, publicados sob o título de *Formas da Teoria* (2003), escritos por teóricos brasileiros que tentam definir

conceitos importantes para o debate da crítica no Brasil, pode ser elencada como mais um modo de intervenção operado por Jobim no âmbito das discussões da Teoria no país. Com a finalidade de compor uma espécie de glossário da Teoria Literária, foram convidados a escrever sobre determinados conceitos professores de Literatura, Artes e Filosofia, sendo que alguns deles são: João Adolfo Hansen, Luís Fernando Medeiros de Carvalho, Arthur Nestrovski, Jorge Wanderley, Zilá Bernd, Célia Pedrosa, Claudia Neiva Matos, Roberto Acízelo, Lucia Santaella.

Em 1983, Luiz Costa Lima revisa, em uma segunda edição, a sua coletânea de textos fundamentais para os estudos da área, *Teoria da Literatura em suas fontes,* incialmente publicado em 1975. Na segunda edição, já em dois volumes, foram incluídos outros textos seminais que, segundo o próprio Costa Lima, ofereciam debates inovadores para a Teoria Literária, ainda que pudessem conduzi-la a discussões que Costa Lima acreditava serem alheias ao campo próprio da literatura. O debate conceitual defendido por ele está relacionado à prática de leitura de literatura orientada pelo conceito de "mimesis", na qual uma tensão necessariamente iria comparecer na recepção da literatura enquanto tal.

Na década de 1990, no país que começava a viver sob as orientações legais de uma nova Constituição, a Teoria Literária incluiu em sua agenda de estudos problemas que estavam relacionados a questões éticas da democracia e da sociedade globalizada, oferecendo com isso "corpo" – tomado tanto como conceito quanto matéria – aos problemas literários. Alguns professores de Teoria Literária e Literatura Comparada atuaram e produziram textos importantes que aportaram força interventiva às práticas disciplinares de Literatura e Teoria no quadro dos debates da literatura e cultura brasileiras.

A elaboração do conceito de "entrelugar do discurso literário latino-americano" por Silviano Santiago (1978) incluiu a categoria de autonomia e também certa liberdade na prática de leitura e escrita da literatura latino-americana frente ao seu dilema de

pertencer a uma cultura colonizada, desse modo, em diálogo com as teorias de Antonio Candido e Roberto Schwarz para a literatura brasileira. Em Silviano Santiago, a inclusão dos discursos literários e críticos no âmbito dos estudos pós-coloniais latino-americanos produziu uma diferença em relação aos seus antecessores brasileiros: a de que a literatura latino-americana escreve "contra", isto é, "com + ante", e produz, a partir disso, o seu "lugar" discursivo.

Em 1994, Eneida Maria de Souza publicou *Tempos de pós-crítica* com o qual contribuiu para o debate da Teoria e da Crítica Literárias com os conceitos de "cena literária" e de "sujeito biográfico" a partir dos quais o pesquisador de arquivos de escritores brasileiros pode acompanhar os jogos dos detentores do poder da escrita e do arquivo. Seu trabalho com a Teoria apontou, nos anos de redemocratização política da vida brasileira, a necessária convergência entre a Teoria Literária e Psicanálise na construção da historiografia.

Wander Melo Miranda deu ênfase, nesses mesmos anos, ao debate da função do gênero ensaio e autobiografia no âmbito da pesquisa acadêmica com os arquivos de escritores, o que ofereceu dimensão política ao trabalho filológico. Seu livro *A trama do arquivo* (1995) se propõe a discutir esses conceitos.

No final dessa década, Raúl Antelo, no contexto do seminário preparatório para o VI Congresso da ABRALIC, propôs no ensaio "Volver por uma ruptura imanente" pensar a Teoria Literária para fora do regime autonômico da literatura, contudo sem abrir mão do trabalho com ela. No final de 2015, publicou o livro *Archifilologías latino-americanas. Lecturas tras el agotamiento*, uma espécie de tratado filológico que se ancora nos conceitos de arquivo, montagem e criação.

Não é possível no contexto brasileiro da redemocratização, no que diz respeito ao ensino e prática da Teoria Literária, dissociar o saber coletivo produzido pela conversação científica e sua circulação no Brasil do seu âmbito latino-americano. A produção e circulação de saberes locais frente aos saberes estrategicamente

centralizados do poder cultural são elementos constituintes da Teoria. Em *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos* (2016), Jorge Wolff estudou a presença da Teoria Literária, operada por intelectuais franceses nos anos 1960 e 1970 – especificamente pelo grupo *Tel Quel* e sua revista homônima –, na produção crítica no Brasil e na Argentina. Fruto de sua pesquisa de doutorado finalizada em 2001, suas conclusões indicam que os latino-americanos leram, criticaram e transformaram a Teoria operada pelos críticos franceses, deslocando-a para os impasses vividos localmente, inseridos que estavam no contexto político e universitário de países que viviam sob regimes ditatoriais extremamente duros. Sua hipótese se confirma ao destacar que a Teoria Literária operada por intelectuais brasileiros e argentinos emerge em sua especificidade como "entre-lugar" crítico latino-americano e não a partir de uma "origem" no grupo Tel Quel, mas com seus problemas éticos específicos. O "entre-lugar latino-americano" funciona, nesse caso, como experiência de deslocamento e não como marcação de uma "procedência".

Em uma rápida observação da pesquisa com a Teoria Literária nos países do sul do continente americano, pode-se constatar que em *Políticas de Exhumanción* (2016), Analía Gerbaudo se propôs a criar um arquivo com as aulas de Literatura Argentina e de Teoria Literária na universidade pública de seu país entre 1984-1986 (anos de pós-ditadura) com o objetivo de visibilizar o processo de institucionalização da disciplina de Teoria Literária no momento da "post-dictadura" na Argentina. Seu escopo crítico abarcou não apenas o "aplicacionismo" da Teoria às aulas de Literatura e tampouco se restringiu à crítica ao excesso de "teoricismo". Segundo a pesquisadora, esses são dois extremos de um mesmo problema que consiste em obturar o lugar potencializador da Teoria no incentivo à leitura, na conversação crítica, na pesquisa e nas decisões didáticas (Gerbaudo, 2014). Os diálogos entre Teoria, Crítica e Literatura têm a função de aportar material para futuras decisões pedagógicas na formação de novos leitores. As práticas de ensino e de leitura deixaram rastros em um conjunto de profissionais que se

apropriaram – conceito tomado a partir de Derrida em "Escolher sua herança" (2004) – tanto das descrições das aulas dadas, quanto dos textos ensaísticos sobre o ensino de literatura que esses professores escreveram.

Ainda que não seja possível propor um único lugar – sua legitimação mediante única fonte – para as práticas de ensino da Teoria e da Literatura e nem mesmo a possibilidade de uma única história para cada uma delas, penso que há uma emergência na área de Letras que advém de algo completamente exterior à própria Teoria que a ameaça e que poderá destruir a força de transformação e de desdobramentos internos que ela potencializa. Essa ameaça não está relacionada à demanda por incorporações de instrumentos tecnológicos ou de mudança de paradigma científico no tratamento das questões estruturais da prática literária. A ameaça vem do intuito de desqualificar – quitando-lhe o pertencimento ao estudo da Literatura – para destruir sua função na vida cultural. Trata-se da emergência de uma posição adversa ao pensamento teórico. E para a análise desse problema, parte-se do imperativo de que o discurso teórico não poderá se imobilizar, bem como não poderá ser tomado por uma definição simplista. A Teoria Literária ocupou de diferentes formas e a partir de distintos lugares uma posição relevante no transcurso da História. A análise do comportamento da Teoria Literária diante dos desafios a que foi submetida deve considerar a existência de um potencial de escândalo da Literatura que se desloca para a Teoria e que deriva dela, amplamente discutido por Avital Ronell (2008, p. 286), seguindo as lições de Jacques Derrida, ao associar os estudos de Teoria Literária a grandes tópicos e problemas da cultura (1967, 2001, 2007).

2. UM LUGAR DE CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO: A TEORIA

A Teoria Literária produz um saber que a transforma em disciplina – organiza-se a partir de um contrato recíproco entre sujeito da pesquisa e seu objeto que é igualmente

produto de uma subjetividade em processo (Derrida, 2001, p. 76-77). Derrida fala da impossibilidade de escrever a história enquanto totalidade, pois quando tratamos com a história, a ciência, a língua, lidamos com o mundo, ou seja, do tornar-se mundo do mundo. A história só é enquanto se faz história, sem garantias de retorno para uma ontologia, arriscando a sua pretensa correspondência consigo mesmo, sua identidade e sua homogeneidade (p. 295).

Por outro lado, para o filósofo, crítico literário e historiador Walter Benjamin, em suas teses sobre o conceito de história, há que insistir na tarefa do pesquisador motivada pela construção de um lugar que "não é o tempo vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'. [...] que faz explodir o *continuum* da história" (Benjamin, 1985, p.229-230). O sujeito motivado pela dialética seria o operador dessa explosão. Ele, quando conta sua história, é tomado por um desejo não apenas de escapar ao esquecimento e sim de oferecer outra maneira de agir frente ao que não tem mais capacidade autônoma para a ação. Esse indivíduo amplia a condição autobiográfica e se coloca na fronteira com a experiência social. Percebe que sua história apenas poderá ser construída com a mediação da história coletiva. Em *Berliner Kindheit* (1932) – publicado no Brasil em Benjamin (1987) – Benjamin retoma a proposição de uma construção da experiência histórica a partir da busca no passado do sujeito por uma felicidade produzida pelo processo de entender sua vida que passa. A construção de sua narrativa vincula-se, desse modo, ao "pensamento das relações", operando montagens inéditas entre o sujeito e sua imagem projetadas nos espelhos da metrópole moderna. Tornando-se suscetível a manifestação da experiência autêntica do sujeito com seu objeto.

Dito isso, é importante destacar que não se está diante de quadros estáticos quando buscamos imaginar, analisar e relacionar história individual e coletivo social no âmbito da construção das disciplinas acadêmicas. Ao modo da pintura dos *Panorama* no final do século XIX, a totalidade é cogitada, entretanto, o que se pinta envolve movimento. Walter Benjamin observou um objetivo diferente na obra de arte como panorama cuja

intenção deliberada era a de endereçar-se a um grande público e despertar outros sentidos para a História.

Em 1958, Antonio Candido foi o responsável pela disciplina de Teoria Geral da Literatura, do currículo do curso de Letras da UNESP, em Assis. No âmbito dessa cadeira lecionou para os alunos ingressantes, com a colaboração de Naief Sáfady, o curso "Introdução aos estudos literários". Em 1959, essa disciplina apresentava um programa com três tarefas: o trabalho com o manuscrito, o trabalho com o texto impresso e o trabalho com a autoria (Candido, 2005, p. 3).

Em 1961, ao regressar à USP para assumir a disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada, o mesmo conteúdo será oferecido, estimulando a consolidação de uma modalidade de pesquisa que viria a ser decisiva na produção crítica de alguns de seus mais destacados alunos e responsável por um modo de ensinar Teoria Literária nas cinco décadas seguintes (Ramassote, 2018, p. 35).

Um modo de ensinar, diga-se, no qual além de prover estudos gerais introdutórios e estudos teóricos especializados, indispensáveis para uma boa formação, valorizava e politizava os estudos literários, associando-os a uma leitura do "nacional" e seus problemas para a consolidação de uma nação moderna e autônoma.

Em 1961, Candido fundou o curso de graduação em Teoria Literária que, em 1962, passou a se chamar Teoria Literária e Literatura Comparada para se assegurar o estudo das literaturas estrangeiras bem como o espaço institucional para a Literatura Comparada. Segundo Sandra Nitrini (1994), os objetivos das disciplinas Teoria Literária e Literatura Comparada eram: "ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando mostrar de que maneira os conceitos lucram em serem apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, de análise" (Nitrini, 1994, p. 8). Na escolha de textos de cursos dos primeiros anos, constavam os de autores clássicos, contudo, os alunos de quarto ano e da Especialização tiveram a oportunidade de estudar escritores do Modernismo e de entrar em contato com os clássicos de

maneira atualizada (IDEM). Entre os primeiros cursos, assinalam-se, para o quarto ano, o de Teoria e análise do romance (1961-1962) e o de *O estudo analítico do poema* (1963-1964), sendo que esse último foi publicado pela FFLCH em 1987 em forma de livro, e o primeiro permanece inédito. Os primeiros cursos de quinto ano ou Especialização baseavam-se em seminários e aulas centradas num problema, visando à aquisição de técnicas avançadas de trabalho. Dessa maneira, foram ministrados nesse nível o curso de Ecdótica (Edição Crítica), com investigação e análise de manuscritos e o de crítica textual, tendo como objeto de aplicação os contos de Machado de Assis, em 1961; seminários sobre Quincas Borba, a cargo do professor e dos alunos, com o objetivo de construir uma interpretação coletiva, em 1962; seminários de análise de cinco poemas escolhidos a partir da obra de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Mello Neto, em 1963 (Idem, p. 10).

Durante três anos, Candido foi o coordenador do curso, cujo corpo docente começou a ampliar-se a partir de 1964, com a contratação de Roberto Schwarz; em seguida, vieram a integrar o quadro docente Walnice Nogueira Galvão, Davi Arrigucci Júnior, João Alexandre Barbosa, Tele Ancona Lopes e Teresa Pires Vara, ainda na década de 1960. Mantinha-se o currículo básico inicial, com um primeiro ano de introdução aos estudos literários, e um quarto ano de Teoria Literária e Literatura Comparada. Na década de 1970, alguns novos professores passaram a atuar na área: Lucilla Ribeiro Bernardet, Marlyse Meyer, João Luiz Lafetá e Ligia Chiappini. Esse quadro tornou-se nas décadas seguintes determinante para os caminhos do ensino da Teoria Literária no Brasil, inclusive com Roberto Schwarz fazendo parte do quadro fundador do IEL, na UNICAMP, em 1978.

Em São Paulo, houve a disseminação de duas posições que demandaram políticas teóricas distintas. Haroldo de Campos criou claramente uma deriva em relação aos estudos de Teoria Literária empenhados por Antonio Candido. Com sua tese de doutorado, intitulada *Morfologia do Macunaíma*, defendida em 1972 e orientada por

Candido, na Universidade de São Paulo, Haroldo de Campos inicia sua carreira como professor de Teoria na PUC de São Paulo para propor uma diferença em relação ao conceito de "formação" tanto da literatura quanto dos quadros da crítica e do ensino de Teoria no Brasil. Como poeta concretista e editor das revistas *Noigandres* e *Invenção*, ele replica as discussões teóricas sobre a literatura que estavam sendo pautadas na França. Max Hidalgo, em seu estudo sobre a biblioteca de Haroldo de Campos, observa que as revistas literárias que ali se encontravam já nos anos de 1960 indicam essa conexão e atenção de Campos a essas discussões teóricas. Hidalgo destaca a presença da revista *Tel Quel* na qual é possível verificar, no ano de 1974, as anotações de Campos num artigo de Julia Kristeva nas quais ele ressaltava a relação entre a semiologia e aquilo que a Poesia Concreta estava fazendo. Hidalgo também esteve atento às consequências das disputas dos campos de força em jogo entre os intelectuais dissidentes de *Tel Quel* e os fundadores da revista *Change*. Haroldo de Campos manteve seu trabalho muito próximo de Jacques Roubaut e pareceu isolar a influência de Kristeva em suas leituras, após a dissidência entre os teóricos franceses. Indício esse cogitado por Hidalgo com base na observação da falta de marcas de leitura e páginas coladas fruto de defeitos de gráfica nos livros da teórica francesa, o que o levou a concluir que Haroldo de Campos talvez não os tenha sequer aberto (Nácher Hidalgo, 2018, p. 229).

Ainda assim, as questões teóricas propostas nos números de *Tel Quel*, em especial àquilo que se refere ao estruturalismo, frequentaram as páginas de *Noigandres* e *Invenção*. Em suas memórias, Lúcia Santaella descreve seu convívio com Haroldo de Campos e afirma que tanto o estruturalismo quanto a dissidência dele estiveram presentes na prática literária e de ensino de Teoria Literária do colega de instituição; essas teorias estiveram igualmente presentes nos seus programas de ensino do curso de pós-graduação da PUC-SP, que, mesmo tendo sido fundado por iniciativa de Lucrécia Ferrara, contou com a orientação intelectual de Haroldo de Campos e de seu trabalho como pesquisador da área de Teoria Literária.

O programa de pós-graduação na PUC-SP foi criado em 1970 com o nome de Comunicação e Semiótica, sendo o primeiro com essa configuração no Brasil. Entre seus primeiros professores estavam Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Leyla Perrone-Moisés, Willi Bolle; os professores convidados eram Boris Schnaiderman e Hans-Joaquim Koellreutter. O programa passou por sua primeira reforma curricular em 1978, quando ampliou os debates da Teoria Literária para a Comunicação, ainda dentro de uma motivação interdisciplinar da literatura, artes, música e meios de comunicação. Contudo, tinha na semiótica seu eixo conceitual integrador. Nesse momento o programa já contava com a presença dos professores José Segolin e Lúcia Santaella.

Enquanto o PPG em Comunicação e Semiótica se empenhava na inclusão da literatura no âmbito transdisciplinar de uma teoria das artes e da sociedade – lembremos que se tratava também da interdisciplinaridade entre arte, literatura e comunicação – o PPG em Teoria Literária e Literatura Comparada se detinha no estudo do texto literário e de suas teorias de análise. As linhas de pesquisa do PPG em Teoria Literária e Literatura Comparada eram então as seguintes: literatura e sociedade, estudos comparatistas da literatura, formas e gêneros literários, crítica e história literária. As do PPG-PUC em Comunicação e Semiótica eram as seguintes: regimes de sentido nos processos comunicacionais, processos de criação na comunicação e na cultura, dimensões políticas na comunicação. É importante ressaltar que essa comparação entre os cursos de Semiótica da PUC e de Teoria Literária da USP não será qualitativa, o objetivo é analisar historicamente os processos de institucionalização da disciplina Teoria Literária no sistema universitário brasileiro, em especial nesses cursos.

No Rio de Janeiro, na UERJ, até 1962, ano da reforma que unificaria os parâmetros curriculares nacionais para formação dos profissionais de Letras, não havia uma disciplina que fosse dedicada à Teoria Literária propriamente dita. Segundo Roberto

Acízelo (Acízelo, 2020, p. 277-279), havia uma disciplina que tinha como objetivo o estudo de certa "técnica" da literatura, muito próxima aos estudos de retórica e poética, e não tinha caráter obrigatório na formação do estudante de Letras. As disciplinas mais prestigiosas – que formavam uma espécie de cultura da cátedra – eram as de Literatura, que se dividiam entre os estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa. Em 1950, Afrânio Coutinho apresenta à congregação de professores da Faculdade de Filosofia do Instituto La Fayette, depois Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, e agora Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um projeto de criação da disciplina de Teoria Literária. Uma vez aceita e incluída em caráter obrigatório na formação, envolveu, sob a batuta de Afrânio Coutinho, uma dupla função: a de funcionar como estudos introdutórios e como "cúpula" da formação, "sinônimo de filosofia da literatura" (Coutinho, 1977, p. 2).

O processo de institucionalização da disciplina Teoria Literária, com a abordagem proposta por Afrânio Coutinho, passa a cogitar uma distinção operacional entre Teoria da Literatura e Teoria Literária como aquela que será determinante para a sua separação em campos de força distintos – e ao mesmo tempo complementares – a partir da década de 1970. Como consequência de sua ação "política", a disciplina ganha importância e função no contexto mais amplo da formação. As distinções entre o que era "próprio" ao "literário" na Teoria, diga-se entre o "fora" e o "dentro", entre Literatura, Filosofia e Ciências Sociais, começam a se entrincheirar no Brasil no anos de recrudescimento das ações governamentais durante a ditadura militar de 1964, quando os estudos das Literaturas nacionais, lidas a partir de uma perspectiva historicista, e dos estudos de Teoria da Literatura tomados como técnica – retórica e poética – passam a ser questionados pelo estruturalismo e posteriormente pelo pós-estruturalismo, separando conservadores, marxistas dogmáticos e progressistas libertários em polos opostos que foram determinados previamente pelos campos de forças da polarização política. Com essa divisão, as diferenças que formularão os conceitos de Literatura e de

Literário serão atravessadas no Brasil por elementos conceituais externos aos estudos de literatura.

Na UFRJ, de maneira semelhante ao que acontecera na UERJ, até a década de 1970 o ensino da Teoria Literária estava restrito ao estudo das técnicas e do "controle" do sentido do texto literário. De igual modo, até aquele momento, as disciplinas mais prestigiadas eram as de Literatura nacionais e não as de Teoria. Somente com a Reforma Universitária de 1967, e sobretudo com a escolha de Afrânio Coutinho para conduzir a implantação da Faculdade de Letras da UFRJ, começa-se a incluir nos currículos duas disciplinas básicas: Linguística e Teoria Literária. Em seus cursos, Afrânio Coutinho viria a dar destaque aos estudos de obras, autores, gêneros e épocas com base na investigação do texto e não na construção de panoramas históricos na formação do profissional em Letras. Os princípios metodológicos que organizariam as matrizes curriculares deveriam observar: o primado do texto, o primado da liberdade, o método de análise, a produção de escrita monográfica, a observação da teoria literária, valorização do ensaio em detrimento do texto informativo, e classes com pequeno número de alunos (Coutinho, 1977, p.157-159).

No Brasil, os estudos de Teoria no âmbito do discurso literário terão o estruturalismo como o divisor de águas, juntamente com o golpe civil militar em 1964. Esses polos não se reconciliarão na redemocratização iniciada em 1986. Essas disputas pela delimitação de campos de força na Teoria Literária se moldaram no Brasil até a década de 1980 e elas se alteraram durante a redemocratização política.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se constata é que houve um movimento de disseminação de campos de força no âmbito dos estudos literários, ampliou-se o conceito de "nacional", diga-se, houve uma ampliação da ideia de fronteira e não a sua supressão, passou-se a considerar a

comunidade como um espaço onde habitam diferentes modos de falar e conceber o mundo. Essa ampliação de cosmovisões se deu em função do pensamento teórico que foi desenvolvido no âmbito do ensino de Teoria Literária nas universidades, contribuindo de maneira direta para a internacionalização através dos intercâmbios culturais. Quando Gisèle Sapiro (2015, p. 72) afirma que "la circulación de los modelos y de las maneras de hacer es la forma más directa de aprehender los intercambios interculturales" e, posteriormente, quando Sapiro insiste nas variações entre os modos de construir as categorias de análise dos estudos literários tanto na história como em diferentes espaços sociais (Sapiro, 2019, p.10), ela oferece hipóteses igualmente teóricas para a análise da institucionalização Teoria Literária no Brasil, já que é a observação tanto das possíveis marcas nacionais dos modos de ler como a precisão de direções dos fluxos e formas de apropriação em ditos espaços (Beigel, 2019) o que nos permitirá, ou bem ratificar e afinar, ou bem refutar nossas hipóteses sobre os caminhos da institucionalização e de circulação dos estudos literários no Brasil no arco temporal recortado como "formas" e "modos" de ler a literatura inserida em uma noção mais ampla de cultura (Sapiro, 2009, 2014, 2017).

Do mesmo modo que Vincent Kaufmann tentou responder a essas demandas da disciplina de Teoria Literária na França em 2011, com sua pesquisa publicada posteriormente sob o título *La faute à Mallarmé*, a análise que se apresenta neste ensaio se situa em meio ao próprio objeto que investiga. Trata-se de estudar a Teoria com a Teoria. Uma Teoria Literária pensada e praticada como utopia que conduz a um não-lugar discursivo, o *u-topos*, que, contudo, insiste em produzir discursos de esperança que não decepcionem. O que nos coloca especificamente no âmbito de uma prática mais de resistência do que de revolução de práticas e de conteúdo.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. A desconstrução é a justiça. Campinas: UNICAMP: Mimeo, 2011.

ANTELO, Raul. Lo viejo y lo nuevo. La categoría de superación en la enseñanza de literatura. *Katatay* año VII, 9: 59-69, 2011.

ANTELO, Raul. *Archifilologías latinoamericanas. Lecturas tras el agotamiento.* Villa María: EDUVIM, 2015.

ANTELO, Raul "Programa para un posgrado futuro". *El taco en la brea* 3, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum. Sobre o método*. Tradução Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2019.

BARTHES, Roland. *Aula*, tradução Leyla Perrone- Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1975.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*, tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim por volta de 1900*. In: *Rua de mão única. Obras Escolhidas* Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, JoséCarlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEIGEL, Fernanda. Indicadores de circulación: una perspectiva multiescalar para medir la producción científico–tecnológica latinoamericana. *Ciencia, tecnología y política*, (3), 2019,1–9. Disponível em: https://revistas.unlp.edu.ar/CTyP/article/view/9159.

BEIGEL, Fernanda; GALLARDO, O. Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas. *Revista Iberoamericana de ciencia, tecnología y sociedad*, vol. 16, n. 46, p. 41-73, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales 145, p.* 3-8. 1989 [2002].

BOURDIEU, Pierre. *Les regles de l'art. Genèse er estructure du champ littéraire*. Paris: Du Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Méditations pascaliennes.* Paris : Seuil. (1997).

BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. *Actes de la recherche en sciences sociales* 126-127, 3-28. (1999).

BOURDIEU, Pierre. *Sociologie générale. Cours au Collège de France (1983-1986).* Volumen 1. París : Raisons d'agir/Seuil. (2015)

BOURDIEU, Pierre. *Sociologie générale. Cours au Collège de France (1983-1986).* Volumen 2. París : Raisons d'agir/Seuil, 2016.

CANDIDO, Antonio. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CANDIDO, Antonio. *O Estudo Analítico do Poema.* 3ed. Humanitas Publicações - FFLCH/USP São Paulo, 1996.

COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie. Litterature et sens commun*. Paris: Du Seuil, 1998.

COUTINHO, Afrânio. *Universidade, instituição crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

DERRIDA, Jacques. *De la gramatologie*. Paris: Minuit, 1967.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. *Uma impressão freudiana*. Tradução Claudia de Moraes Rego. São Paulo: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. Escolher sua herança. In: *De que amanhã. Diálogo*. Tradução: André Telles Revisão. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2004.

DERRIDA, Jacques. *O Cartao-Postal: de Socrates a Freud e além*. Tradução Simone Parelson. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

GERBAUDO, Analía. *La institucionalización de las letras en la universidad argentina (1945-2010). Notas 'en borrador' a partir de un primer relevamiento.* Volumen 1. Santa Fe: FHUC-CEDINTEL/UNL, 2014.

GERBAUDO, Analía. *Políticas de exhumación. Las clases de los críticos en la universidad argentina de la posdictadura 1984-1986.* (Santa Fe/Los Polvorines: UNL/Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

GERBAUDO, Analía. How Does Literary Theory Cross Boundaries (or Not)? Notes on a case study. *Journal of World Literature*, vol. 2 (1), p. 92-103, 2016.

HAMACHER,Werner. *95 tesis sobre la filologia*. Trad. Laura Carugati. Madrid: Miño y Dávila editores. 2011.

JOBIM, José Luís(org.). Formas da Teoria. Rio de Janeiro : Ed. Caetés, 2003.

KAUFMANN, Vincent. *La faute à Mallarmé. L'aventure de la Théorie Littéraire*. Paris: Ed. Seuil, 2011.

LIMA, Luiz Costa. Quem tem medo de teoria. Rio de Janeiro: *Opinião*, nº 159, 21 de novembro de 1975.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas fontes*. 1. Ed. e 2.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 e 1985.

MIRANDA, Wander Melo(org.). *A Trama do arquivo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG : UFMG, Centro de Estudos Literários, 1995.

NÁCHER, Max Hidalgo. Leyla Perrone-Moisés y algunas modulaciones barthesianas en Brasil en torno a la crítica y la literatura. *Alea*, 18 (2), 344- 366, 2016

NÁCHER, Max Hidalgo. O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca. *452ºF*, 19, 216-231, 2018.

NÁCHER, Max Hidalgo. *Los estudios literarios en Argentina y en España: institucionalización e internacionalización.* Analía Gerbaudo y Max Hidalgo Nácher, directores. Volumen 2. Tomo 1. *Teoría en tránsito. Arqueología de la crítica y la teoría literaria españolas de 1966 a la posdictadura,* 2020.

NITRINI, Sandra. Teoria Literária e Literatura Comparada. Revista *Estudos Avançados*, 8 (22), 1994.

RAMASSOTE, Rodrigo. A passagem de Antonio Candido por Assis. *Revista Unespciência*, Edição 98, Assis, julho, 2018.

Review *New Literary History*. *Literary Theory in the University: a survey*. Vol. XIV, n. 2, Winter 1983. University of Virginia. Charlottesville.

RONELL, Avital. Confessions of an Anacoluthon: Avital Ronell on Writing, Technology, Pedagogy, and Politics," *Selected Works of Avital Ronell.* University of Illinois Press, 2008.

RONELL, Avital. "Derridémocratie". Colloque International *Derrida politique*. Paris : ENS. 2008.

RONELL, Avital. *Loser sons. Politics and authority.* University of Illinois Press. 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural.* São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SAPIRO, Gisèle. Mondialisation et diversité culturelle : les enjeux de la circulation transnationale des livres. *Les contradictions de la globalisation éditoriale.* Paris : Nouveau Monde, 2009. p. 275-302.

SAPIRO, Gisèle. Inégalités et rapport de forces sur le marché mondial de la traduction. *Bibliodiversity*, p. 3-10, 2014.

SAPIRO, Gisèle. How Do literary Works Cross Borders or Not? A sociological Approach to World Literature. *Journal of World Literature,* p. 81-96, 2015.

SAPIRO, Gisèle. What Factors Determine the International Circulation of Scholarly Books? In: HEILBRON, J.; SORÁ, G.; BONCOURT, T. (orgs.). *The Social and Human Sciences in Global Power Relations.* Londres: Palgrave, 2017. p. 59-94.

SAPIRO, Gisèle. Repenser le concept d'autonomie pour la sociologie des biens symboliques. *Autonomies des Arts et de la Culture* , 4, p. 1-50, 2019.

SAPIRO, Gisèle, Leperlier, Tristan y Amihe Brahimi Qu'est-ce qu'un champ intellectuel transnational ? *Actes de la recherche en Sciences Sociales.* 2018.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Como e por que sou professor de literatura*. Chapecó: Argos, 2020.

SOUZA, Roberto Acízelo de. José Veríssimo e a teoria da literatura no Brasil. In: SCRAMIM, Susana (org.). *O contemporâneo na crítica literária.* São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 43-58,

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Eneida Maria. *Tempo de Pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários. 2007.

Wolff, Jorge. *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*. Rio de Janeiro: Ed. Papeis selvagens, 2016.